

A RESERVA TÉCNICA DO MUSEU DE ARTE SACRA DA UFBA: UM MODELO PARA CONSERVAÇÃO PREVENTIVA DE UM ACERVO

Griselda Pinheiro Klüppel

Doutora em Arquitetura e Urbanismo
Professora Associada III de Ensino Superior
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
griseldak@gmail.com

Palavras chaves: reserva técnica, acervo sacro, conservação preventiva, adequação ambiental, armazenamento.

Resumo

O Museu de Arte Sacra (MAS) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), localizado no antigo Convento e Igreja de Santa Teresa, em Salvador, construídos no século XVII, abriga uma das maiores coleções de arte sacra da América do Sul, constituída tanto pelo acervo do próprio museu como por peças de coleções de irmandades e igrejas de diversas cidades baianas, sob o regime de comodato, e bens integrados aos edifícios. A armazenagem do acervo do MAS ocupou ao longo dos anos, espaços diversos na edificação do antigo convento em ambientes que ofereciam riscos para as peças pois agentes deteriorantes estavam presentes e próximos das coleções, como a ausência de controle das condições climáticas e das pragas de insetos xilófagos, associada à inexistência de padronização e adequação de materiais das embalagens. Para sanar esses problemas foi elaborado o *Projeto de Implantação de Reserva Técnica e Tratamento do Acervo Armazenado para o MAS*, financiado pela Caixa Econômica Federal no Programa de Adoção de Entidades Culturais. Serão explanados no texto desde os procedimentos de identificação e documentação do acervo, como as análises e tratamentos climáticos e correções ambiental do espaço, a metodologia para definição do mobiliário adequado, os métodos e processos de elaboração dos suportes e embalagens para armazenamento das coleções. Para implantação da Reserva Técnica também foi executado o tratamento de todo acervo em reserva, constando de aproximadamente 800 exemplares, sendo feita desde a limpeza, imunização consolidação e restauração, quando necessário, de todas as obras antes de serem armazenadas. Como ação complementar foi elaborado um Plano Integrado de Conservação Preventiva.

220

Introdução

O Museu de Arte Sacra da UFBA (MAS), localizado no conjunto arquitetônico do antigo Convento e Igreja de Santa Teresa, em Salvador, construído no século XVII, abriga uma das maiores coleções de arte sacra da América do Sul, constituída de esculturas de madeira, terracota, marfim, entre outros materiais, pinturas, objetos e alfaias de metais como prata e ouro, paramentos litúrgicos e mobiliários, pertencentes ao MAS ou a irmandades e igrejas da Bahia, cedidos sob regime de comodato. O acervo também compreende os bens integrados aos edifícios, como retábulos, painéis de azulejos figurativos e de tapete, painéis de madeira, mobiliário, entre outros, que ampliam e enriquecem suas coleções.

A armazenagem do acervo do MAS ocupou ao longo dos anos, espaços diversos na edificação do antigo convento em ambientes que ofereciam riscos para o acervo, com a ausência de controle das condições ambientais e das pragas de insetos xilófagos, associada a inexistência de padronização de armazenamento e de materiais adequados para as embalagens.

Para sanar esses problemas foi realizado entre 2005 e 2007, o *Projeto de Implantação da Reserva Técnica e Tratamento do Acervo Armazenado para o MAS*, financiado pela Caixa Econômica Federal no Programa de Adoção de Entidades Culturais, cumprindo-se uma das recomendações de caráter urgente feita no Diagnóstico de Conservação (KLÜPPEL, G. et al. 1998), realizado no museu em 1998, numa ação de cooperação técnica entre a UFBA, The Getty Conservation Institute, Universidade Federal de Minas Gerais e Fundação VITAE.

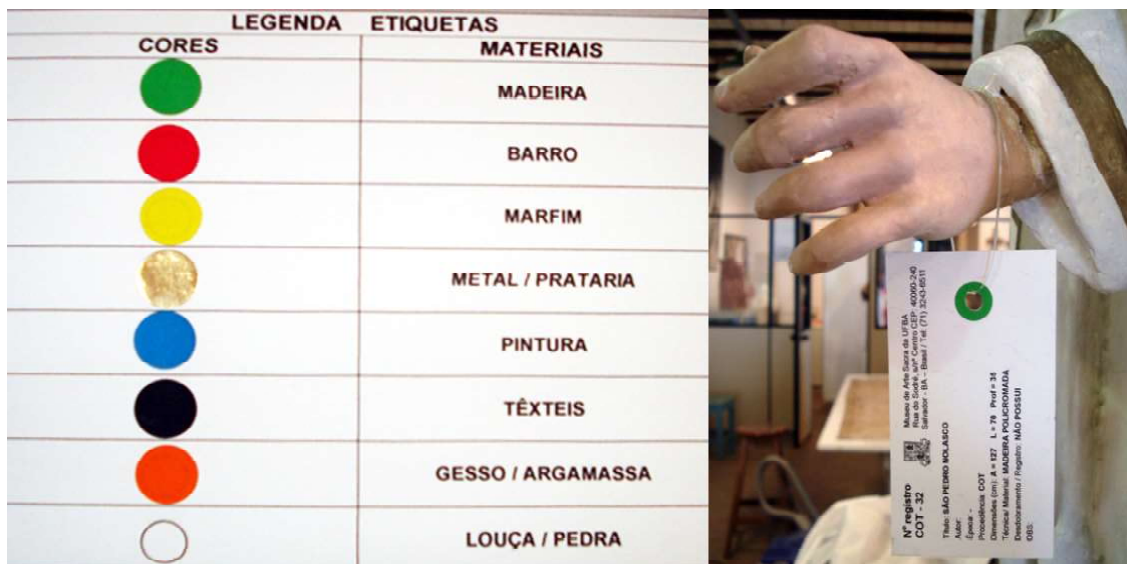


Figura 1: Legenda de marcação das etiquetas em cores segundo os diferentes suportes das coleções e exemplo de etiqueta de identificação de uma peça. Fotos da autora.

Metodologia de desenvolvimento do projeto

Para execução do projeto os trabalhos foram separados segundo quatro procedimentos metodológicos específicos, a saber: identificação, documentação e dimensionamento do acervo; análise, tratamento e acondicionamento do espaço para a Reserva Técnica (RT); mobiliário, embalagens e suportes para armazenamento; e tratamento do acervo a ser armazenado.

Foram montadas três diferentes equipes desenvolveram os trabalhos simultaneamente. A equipe responsável pela identificação e documentação do acervo, foi coordenada pela Dra. Maria Hermínia Olivera Hernandez e contou com a participação das museólogas Mirna Conceição Brito Dantas e Edjane Cristina Rodrigues da Silva e da conservadora Selma Dannemann, responsáveis pelo acervo do MAS. O tratamento do acervo foi coordenado pelo professor João Dannemann contando com técnicos em conservação e restauro contratados pelo projeto, e a terceira equipe responsável pelos trabalhos relacionados com o espaço físico, suas análises e correções ambientais, e o armazenamento do acervo, incluindo mobiliário, embalagens e suportes, foi coordenado pela Dra. Griselda Pinheiro Klüppel, responsável também pela elaboração e coordenação geral do projeto.

Além do corpo técnico especializado participaram do projeto 19 estagiários, estudantes de diferentes cursos de graduação da UFBA e da Universidade Católica e um jovem da Fundação de Apoio à Criança e ao Adolescente (FUNDAC).

Identificação, documentação e dimensionamento do acervo

Para iniciar os procedimentos de levantamento do acervo em reserva, constando de mais de 800 peças, foi criada uma ficha técnica de Levantamento do Acervo, tomando como base a ficha de identificação já utilizada pelo setor de documentação do MAS, considerando entre seus principais itens: o objeto, categoria, coleção, datação, técnica/material, dimensões, peso, estado de conservação, número de inventário e fotografias.

O levantamento das coleções foi definido considerando uma sequência por técnica construtiva de grupo de peças. Para determinar o volume do acervo foi considerada uma folga entre 5 e 10cm, além da dimensão original da peça, com isso foi possível determinar o volume geral do acervo para poder garantir no seu armazenamento espaços necessários de manuseio e movimentação adequada das obras nas prateleiras e ou suportes. O volume total orientou a definição do mobiliário para abrigar o acervo.

Para identificação imediata das peças segundo sua materialidade foi proposta uma marcação na etiqueta com cores considerando os diferentes suportes das coleções (FIG. 1). Dessa maneira é possível se identificar

à materialidade da peça antes mesmo de ler a etiqueta, facilitando sua identificação, e manuseio, indicando o maior cuidado que deve requerer a peça segundo seu peso ou a maior fragilidade material correspondente.

A localização dessa cor identificadora foi feita colocando-se um adesivo circular, com a cor corresponde ao suporte da peça, ao redor do furo para sustentação da etiqueta, identificando-se visualmente o suporte material da obra. Para reforçar o furo de amarração da etiqueta foi fixado outro anel transparente no seu verso.

As etiquetas de identificação individual, confeccionadas em papel alcalino na cor natural, 180 gramas, foram definidas em dois tamanhos: um geral para a maioria das obras com 100mm X 60mm e outro em tamanho reduzido de 68mm X 36mm para os objetos pequenos a serem armazenados em caixas. Para prender a etiqueta na peça foi utilizado fio de silicone com 0.8mm de espessura por ser material neutro e mais higiênico, não acumulando sujidades, em substituição ao barbante de algodão anteriormente utilizado no MAS.

Durante a identificação do acervo foi procedida sua documentação fotográfica individualizada incluindo-se as fotos nas fichas digitais e determinando o detalhamento de sua volumetria. Do mesmo modo, todos os trabalhos desenvolvimentos durante o projeto foram devidamente fotografados e documentados.

Foi procedida à catalogação de todo acervo armazenado em meio digital sendo criados arquivos distintos e um arquivo Microsoft Word, nomeado Localização das Obras na Reserva Técnica. Esse arquivo contém tabelas com as seguintes informações: Na sua linha superior encontra-se a definição e numeração do armário correspondente e nas linhas seguintes estão especificadas as peças; seu número de registro; a procedência ou coleção; a técnica construtiva e sua localização correspondente dentro do mobiliário.

No arquivo digital do acervo a localização de uma determinada obra pode ser feita pela sua descrição, nome da obra ou pelo número de registro que remetem tanto para a ficha de identificação como para sua localização dentro do mobiliário. Para facilitar o trabalho de identificação e localização das peças foi elaborado um Roteiro de Identificação e Uso dos Arquivos da Reserva Técnica do MAS, contendo além de um diagrama com a definição do mobiliário, segundo cada módulo e suas respectivas prateleiras e ou gavetas, com uma codificação alfanumérica, todos os procedimentos passo a passo para localização e individualização das peças dentro do mobiliário e no banco de dados digitalizado do acervo. Também consta desse documento os procedimentos para confecção de novas etiquetas segundo suas especificidades.

222

Análise ambiental, tratamento e acondicionamento do espaço para a Reserva Técnica

A premissa que guiou a instalação da Reserva Técnica foi instalar uma sala, com controle ambiental para conservação do acervo, através de condicionamento passivo e mecânico tirando-se partido da própria construção, cujas paredes grossas podem proporcionar uma grande inércia térmica ao edifício. Os maiores pontos de fugas e ganhos térmicos são constituídos pelo forro, portas e janelas, que foram tratados permitindo o aproveitamento das condições ambientais externas quando estas forem favoráveis ou seu bloqueio e a utilização de equipamentos mecânicos para garantir conservação continuada das coleções.

O princípio básico norteador do projeto foi intervir o mínimo possível para adequação da sala ao uso proposto salvaguardando a autenticidade e aparência do edifício, seus valores históricos e artísticos, e tirar partido das condições ambientais do clima quente úmido ao qual as obras de arte estão adaptadas. Nesse sentido, todas as alterações propostas e executadas são totalmente reversíveis.

Com base nos critérios de menor influência do entorno e estabilidade termo higrométrica foi indicada para futura Reserva Técnica, o espaço destinado às Exposições Temporárias. Entretanto, por considerar a importância funcional de permanência das exposições temporárias no mesmo local, a direção do MAS disponibilizou outros possíveis locais para sua instalação. Após novas análises e diagnósticos físicos ambientais das salas disponíveis decidiu-se instalar a Reserva Técnica no Salão Nobre da edificação. Foram procedidas: a verificação da capacidade de carga do piso da sala para receber o peso do mobiliário deslizante com o acervo, a inspeção e tratamento do madeiramento do telhado, do forro e do piso, com imunização contra ataque de xilófagos e as recuperações necessárias visto que, no diagnóstico, foi constatada a presença de cupins ativos em seu interior.

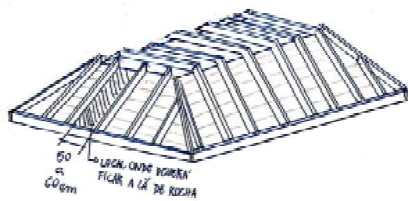


Figura 2: Desenho esquemático do forro do Salão Nobre e detalhe da colocação da lâ de rocha sobre o forro e da manta contínua de Tyvek. Desenho e fotos da autora.

O Salão Nobre foi monitorado durante todo processo de implantação da Reserva Técnica sendo feito seu mapeamento ambiental determinando o comportamento higró-termico e os pontos de maior ou menor temperatura e /ou de umidade relativa, para definir desde a colocação das peças como o processo de correção dos pontos mais negativos sob a ótica da conservação preventiva do acervo.

O forro de madeira que reveste o Salão Nobre é em formato de gamela trapezoidal, fazendo com que sua superfície se aproxime mais do telhado que um forro plano, reduzindo a camada de ar entre as telhas e o forro. Esse desenho propicia maior transmissão da carga térmica recebida pelo telhado para o forro e desse para o interior da sala, assim como, maior vulnerabilidade quanto à umidade relativa externa e a penetração de águas de chuvas proveniente de falhas na cobertura.

Para reduzir a carga térmica proveniente do telhado foi colocada sobre o forro, em toda sua extensão, uma manta de lâ de rocha com 5cm de espessura, densidade de 32kg/m^3 e condutividade térmica de $0,032\text{ kcal/h}^\circ\text{C}$. A lâ de rocha, além de servir como barreira térmica é uma medida preventiva contra incêndios por não ser inflamável, podendo reduzir a propagação do fogo e retardada sua ação no interior da Reserva, em caso de um sinistro dessa natureza no telhado (KLÜPPEL, G. 2007).

223

No intuito de aumentar o isolamento térmico e proteger o interior da sala de grandes oscilações da umidade relativa, foi colocada sobre a lâ de rocha uma manta de Tyvek, um tecido não tecido 100% de polietileno de alta densidade recoberto com alumínio em uma face. Esta superfície aluminizada, mantida na parte superior voltada para o telhado, propicia grande refletância e baixa absorção da radiação térmica para o interior da sala. Cria-se também uma superfície impermeável à penetração de águas pluviais por imperfeições do telhado, ao mesmo tempo em que permite a dissipação do calor pelos poros existentes nas telhas e frestas. O Tyvek não sendo inflamável não provoca labaredas inibindo a propagação do fogo. Complementando a segurança, quanto a água de chuvas, foram instaladas calhas de PVC contínuas em toda periferia do forro sendo a manta de Tyvek fixada por dentro das calhas formando uma manta contínua sobre a lâ de rocha. (FIG. 2)

Além da cobertura, as janelas se constituem em pontes de consideráveis aportes de carga térmica por condução e convecção para o interior da sala, principalmente as voltadas para leste e oeste que, alternadamente pela manhã e à tarde, contribuem para elevar a temperatura do ar no interior da sala. O desenho das esquadrias, com caixilhos de madeira e vidros propiciam o efeito estufa no espaço entre o vidro e o escuro aumentando as temperaturas do ar e radiante na sala. As janelas antigas com vedações irregulares também são pontos vulneráveis para ganhos de umidade relativa do exterior e penetração de águas pluviais, auxiliadas pela ação dos ventos, tendo sido necessários estudos individualizados, segundo sua localização e orientação da fachada.

Para a redução da carga térmica proveniente das esquadrias, pela impossibilidade de redefinição de seu desenho, testaram-se diferentes tipos de películas de materiais opacos que não pudessem interferir no aspecto externo do edifício. Utilizaram-se películas de vinil branco, prateado, cinza e Tyvek. Não foram testadas as películas, normalmente utilizadas, porque estas também interferem na coloração interna dos



Figura 3: Caixilhos originais da sala, teste com diferentes tipos de películas de materiais opacos e caixilho pronto com aplicação de Tyvek, para reduzir carga térmica

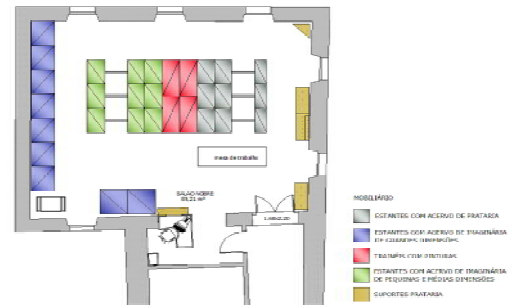


Figura 4: Planta baixa da Reserva Técnica com distribuição do mobiliário para armazenamento.



Figura 5: Processo de elaboração de suportes de peças e peças acondicionadas em gaveta no arquivo deslizante. Desenhos e fotos da Autora.

ambientes, podendo prejudicial à leitura e conservação de determinadas obras. Os dados de temperaturas superficiais obtidos demonstraram que o melhor isolamento térmico foi conseguido com o revestimento de Tyvek, apresentando uma redução de até 15° C, em relação à superfície de vidro sem proteção. O recobrimento com Tyvek foi feito apenas na superfície do vidro, deixando o caixilho de madeira totalmente à vista. (FIG. 3)

A falta de vedação eficiente das esquadrias e o desgaste da cercadura de janela de arenito faziam com que a água de chuvas escorresse pela parede no interior da sala. Para resolver esse problema, foram colocadas pestanas de madeira nas duas folhas das janelas e uma peça de madeira no peitoril com declividade para permitir o escoamento da água para fora, com uma pingadeira na sua parte externa inferior. Utilizou-se a madeira Ipê Champanhe de coloração clara, semelhante ao arenito, e resistente ao sol e as chuvas. Essas peças de madeira foram fixadas nas pedras dos peitoris com silicone, por ser um produto que não ataca, nem degrada a pedra e ser facilmente removível. A eficiência do sistema foi comprovada após um temporal quando não penetrou nenhuma água na sala da RT. (FIG. 4)

A configuração do espaço e localização das aberturas permitiu a criação de fluxos de ventilação mecânica auxiliares, sendo instalados três ventiladores na parte superior das paredes, e dois aparelhos desumidificadores sob as duas janelas laterais da fachada oeste, para corrigir os pontos de maior de umidade relativa. Elaboraram-se rotinas e critérios para abertura e fechamento das janelas possibilitando o aproveitamento das condições ambientais externas quando favoráveis. (FIG. 5)

A umidade relativa máxima da sala foi fixada nos desumidificadores em 70% a partir da qual os aparelhos são acionados automaticamente. Esse valor foi definido com base nos dados observados no próprio museu, e estar dentro dos padrões de conforto e conservação preventiva para obras adaptadas ao clima quente e úmido, prevenindo-se danos para o acervo e garantindo-se a qualidade do ar pela não proliferação de determinados fungos e micro-organismos que se desenvolvem com valores mais elevados de umidade relativa (OLIVEIRA; SANTIAGO, 1988).

Mobiliário e suportes para armazenamento.

A partir do conhecimento do volume do acervo a ser armazenado foi feito o pré-dimensionamento do mobiliário necessário, de acordo com a diversidade das coleções e as dimensões e formato do espaço da RT. Foram

estabelecidos os tipos de embalagens e suportes a serem utilizados, e o quantitativo dos materiais mais adequados para armazenar corretamente do acervo. Também foram previstos espaços e áreas para futura ampliação do acervo.

Determinou-se que todo mobiliário deveria ter integração ambiental com a sala e, para isso, mesmo o mobiliário compacto, não poderia ser totalmente fechado, para não criar microclimas internos e poder responder aos critérios ambientais previamente definidos. Para atender essa determinação o mobiliário deslizante tem chapas laterais perfuradas. A disposição do mobiliário no espaço da sala foi estabelecida levando em conta os parâmetros ambientais e disposição das aberturas, assim como, a distribuição do acervo segundo a materialidade do suporte, a funcionalidade e os fluxos de uso do espaço para manipulação, limpeza e mobilização das coleções.

A configuração final do mobiliário deslizante foi proposta em uma disposição centralizada na sala composta por conjunto um conjunto de arquivos deslizantes com largura equivalente a três módulos de 1000mm e seis blocos de 3 módulos com diferentes profundidades. Nesse mobiliário também foram alocados dois módulos contínuos de traneis com uma tela central aramada fixa com 3000mm x 2000mm de altura, com quatro folhas móveis de tela num total de 6 faces de utilização por módulo. Todo conjunto foi definido com altura de 2135mm. O armário fixo, com o mesmo sistema de encaixe e de prateleiras móveis foi composto com sete módulos de 1000 x 860mm e a mesma altura do móvel deslizante.

Para armazenamento de mobiliário ou peças com grandes dimensões e/ ou muito pesada foi confeccionado um móvel especial com estrutura de ferro e prateleiras móveis em aramado de alta resistência com dois módulos de 1000mm x 1000mm x 2100mm de altura.

Foram utilizados os suportes de madeira existentes no MAS para armazenagem das varas e lanternas processionais. Os furos dos suportes, por onde passam as hastes das peças foram ampliados, sendo estes revestidos com aros e placas de polietileno expandido, evitando-se o contato direto do metal com a madeira para prevenir atritos e abrasão.

225

Na definição dos suportes para acondicionamento das peças verificou-se que, além das prateleiras e gavetas do mobiliário deslizante, seriam necessárias embalagens especiais para acondicionar peças de pequenas dimensões, a exemplo das coroas e joias, e para as coleções de têxteis. Após o desenvolvimento de uma série de maquetes e mocapes em diferentes escalas, para definir cortes, tipo de montagem e de fechamento foram definidas e elaboradas essas caixas especiais utilizando-se chapas de polipropileno de estrutura alveolar, tipo poli onda, na cor branca, com gramatura de 500g/m², nas seguintes especificações:

Para têxteis – caixa com tampa solta de sobrepor, com 1200 X 800 X 120mm o padrão dimensional considerou a maior peça do vestuário sacro sem receber nenhuma dobra, no caso a casula.

Para peças pequenas e planas de metal, como os resplendores – caixa com tampa acoplada e dimensões de 900mm x 600mm x 180 mm, para permitir seu armazenamento dentro das estantes do móvel deslizante, com folga lateral para sua movimentação.

Para as joias e peças avulsas de tamanho reduzido – caixas de poli onda industrializada de tamanho A4, na cor branca, que receberam reforço interno de chapa de polipropileno fixados com braçadeiras de nylon. Por segurança, essas caixas são armazenadas dentro de uma gaveta no móvel deslizante.

No sentido de prevenir a criação de microclima no interior das caixas maiores que favorecessem o desenvolvimento de micro-organismos prejudiciais à conservação das peças, principalmente os têxteis, foram feitos furos respiradores nas quatro laterais das bases e tampa de cada caixa. Procedida uma análise comparativa do comportamento higro-térmico de uma caixa com os furos, em relação ao clima externo, através de registro contínuo de temperatura do ar e umidade relativa, ficou demonstrado que a temperatura do ar no interior da caixa é semelhante a do exterior enquanto a umidade relativa interna à caixa tende a ser ligeiramente mais baixa que a externa.



Figura 6: Peças do acervo armazenada com seus suportes de segurança.



Figura 7: Diferentes processos de higienização e tratamento do acervo de acordo com cada peça.
Fotos: da autora.

A base de todas as caixas, assim como as gavetas e prateleiras do mobiliário deslizante, receberam uma camada de espuma de polietileno expandido de 10mm e, sobre esta, foi colocada outra camada de polietileno de 20mm ou de 40mm (a depender da peça que iriam suportar), sendo estas últimas moldadas de acordo com a morfologia da base da peça a ser armazenada. Com isto, todos os objetos acondicionados ficaram estruturalmente estabilizados e com maior segurança contra choques e atritos entre elas, além de permitir identificação visual rápida na ausência de qualquer peça dentro das caixas, prateleiras ou gavetas pelo vazio deixado no seu lugar. (FIG. 6)

Verificou-se na sala da Reserva Técnica, antes da transferência das peças, o depósito de partículas muito finas em suspensão no ar, provenientes da poluição aérea do tráfego intenso de veículos na Avenida Contorno, dos barcos que transitam na Baía de Todos os Santos, e de cloreto de sódio provenientes do aerossol marinho. Para reduzir esse problema sobre o acervo foi proposta a cobertura das peças, individualmente ou por grupos, com um tecido não tecido (TNT) na cor branca. Analisou-se previamente esse material comprovando-se que a temperatura do ar no interior da peça coberta foi basicamente igual à temperatura do ar no exterior enquanto que a umidade relativa no interior do TNT apresentou-se um pouco mais baixa que a externa.

Fixou-se na base das caixas e gavetas, sob a primeira camada de polietileno, mantas de TNT da largura das mesmas, para cobrir todas as peças e criar maior proteção contra os particulados em suspensão.

Tratamento do acervo a ser armazenado

Antes de se iniciar os procedimentos técnicos de diagnóstico, tratamento e embalagem do acervo, a infraestrutura do Ateliê de Restauro do MAS foi adaptada possibilitando espaços para fabricação das embalagens de acondicionamento do acervo e para depósito do material a ser utilizado.

Foi procedida uma sistematização da coleta de dados sobre cada obra através do preenchimento da *Ficha para Diagnóstico*. Nessa ficha, além da sua identificação, materiais constituintes e tipologia, são apontados os problemas de conservação e sugeridos os procedimentos técnicos para tratamento da peça. Foi procedido o registro de materiais utilizados em cada procedimento técnico, individualizando a abordagem e ao mesmo tempo possibilitando a avaliação do acervo de forma conjunta. Essa documentação complementou as outras de praxe, como o registro fotográfico, codificação e marcação, essas últimas geradas pelo Setor de Documentação do MAS.

A partir do diagnóstico individual, em função do estado de conservação e da qualidade estética e artística, de cada obra, determinou-se seu o grau de tratamento, restauração ou conservação (FIG. 7). O conceito utilizado para esta seleção considerou que os exemplares com possibilidades de participar do rodízio da área de exposição do museu fossem restaurados, para poderem cumprir essa finalidade. Na restauração desses exemplares deu-se ênfase a higienização, desinfestação e consolidação dos suportes, refixação e apresentação estética das camadas pictóricas. Obras de menor representatividade histórica ou estética e, por esse motivo, sem chances de serem expostas, foram devidamente desinfetadas e higienizadas para conservação.

O tratamento das coleções de imaginária e pinturas foi priorizado, pela maior demanda de tempo necessário nas intervenções dessas tipologias. O mobiliário e coleções de ourivesaria foram tratados por último, por serem constituídos de materiais mais resistentes. (FIG. 8)



Figura 8: Aspecto de peça antes e depois de tratamento. Fotos: da autora.

227

A proposta de tratamento das coleções objetivou reverter os processos de deterioração, estabilizar materiais constituintes, recuperando a unidade potencial das obras e a sua leitura estética mais aproximada de sua originalidade. Os materiais e técnicas adotados nas intervenções obedeceram a critérios de compatibilidade e reversibilidade, de acordo com a filosofia do restauro contemporâneo.

Testes de solvência e adesão foram realizados previamente e individualmente, contribuindo para a melhor seleção dos materiais e adequação dos procedimentos, que obedeceram a seguinte sequência de tratamentos: 1º. Obras infestadas por xilófagos – procedimento: isolamento e desinfestação imediata; 2º. Obras com desprendimentos de policromia – procedimento: faceamento e refixação do tecido figurativo; 3º. Obras com problemas estruturais (partes soltas, mobilidade de blocos constituintes, perdas) – procedimento: reunião e refixação das partes; 4º. Acúmulo de sujidades, oxidação de vernizes e camada pictórica e perdas de informações estéticas – procedimento: testes de solvência, limpeza, prospecções para visualização de camadas subsequentes, remoção de repinturas, reintegração cromática e apresentação estética; 5º. Oxidação e problemas estruturais do acervo de metal – procedimento: adequação da estrutura, limpeza química e aplicação de camada de proteção; 6º. Acúmulo de sujidades no acervo têxtil – procedimento: limpeza mecânica manual e aspiração; 7º. Acúmulo de sujidade em peças íntegras – procedimento: limpeza química e mecânica manual e aspiração.

Conclusões

Complementando as ações de implantação da Reserva Técnica foi elaborado um Plano Integrado de Conservação Preventiva, composto de: 1. Roteiro para Prevenção a Situações de Risco e Emergência; 2. Programa de Conservação Preventiva do Edifício e do Acervo e 3. Manual de Gerenciamento e Uso da Reserva Técnica.

Pretendeu-se, portanto, além de capacitar um espaço determinado com as condições ambientais e mobiliárias adequadas, armazenar todo o acervo do MAS dentro dos critérios e procedimentos técnicos corretos, atendendo às normas e recomendações, para garantir sua conservação preventiva e em estreito vínculo

com as demais atividades do museu e do acervo que se encontra em exposição. As coleções tratadas, de maior relevância histórica e artística que se encontram na Reserva, poderão ser inseridas na área de exposição do MAS, permitindo o rodízio de obras. A exibição dessas coleções variadas contribuirá para a dinamização da museografia. As demais peças, armazenadas em segurança na Reserva Técnica, permanecerão como registros, disponíveis para pesquisas nos campos da história da arte e da tecnologia das obras de arte.

Hoje a Reserva Técnica do Museu de Arte Sacra é considerada um modelo tanto pelos sistemas de identificação e de armazenagem das peças como pelo controle do meio ambiente através de condicionamento passivo e mecânico, com baixos custos e consumo de energia, para sua manutenção e garantindo a conservação preventiva do acervo armazenado.

Referências

KLÜPPEL, Griselda et al. **Diagnóstico de Conservação: Museu de Arte Sacra**. Salvador, 1998. (Publicação restrita)

KLÜPPEL, Griselda **Relatório Técnico Final do Projeto de Implantação de Reserva Técnica e Tratamento do Acervo Armazenado para o Museu de Arte Sacra da UFBA**. 2007 (publicação restrita).

OLIVEIRA, Mário M.; SANTIAGO, Cibele C. Estudo da degradação biológica de um mural. **RUA – Revista de Arquitetura e Urbanismo**, Salvador, FAUFBa/MAU, n.1, v. 1, p.53-72, 1988.